

“Afroconveniente”... A autodeclaração racial na campanha eleitoral de 2022: uma análise das publicações no Twitter sobre a controvérsia de ACM Neto na Bahia¹

Sérgio Rodrigo da Silva FERREIRA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Neste artigo, nós analisamos publicações no Twitter sobre a controvérsia da autodeclaração racial de ACM Neto, candidato a governador da Bahia em 2022. A metodologia utilizada é uma análise por processamento de linguagem natural, buscando identificar temas e percepções. A polêmica surgiu após ACM Neto se autodeclarar pardo e aparecer bronzeado em entrevista, questionando critérios do IBGE. Os resultados mostram um intenso debate no Twitter, questionando sua representatividade e acusando-o de oportunismo político. Em resumo, a análise revela um debate público sobre a sinceridade, posicionamentos políticos e oportunismo de ACM Neto em relação ao tema racial, ressaltando a importância da dimensão da raça e da etnia no debate político-eleitoral.

PALAVRAS-CHAVE: Autodeclaração racial; campanha eleitoral; identidade racial; Twitter; pardo.

INTRODUÇÃO

Em dois de setembro de 2022, durante as eleições para o governo do estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães Neto (ACM Neto), candidato pelo partido União Brasil, viu sua autodeclaração racial como alvo de questionamentos. No Requerimento de Registro de Candidatura submetido ao Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA), o candidato indicou sua raça como parda. A Justiça Eleitoral intimou o candidato a justificar sua autodeclaração racial após uma Ação de Investigação Judicial Eleitoral movida por Jorge da Cruz Vieira (Jorge X), candidato a deputado federal pelo PSOL. Tanto ACM Neto, quanto sua vice, Ana Coelho, declararam-se pardos em seus registros de candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O ex-prefeito de Salvador alegou que faz essa autodeclaração desde as eleições de 2016, quando concorreu pela primeira

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista Capes. E-mail: sergirodrigof@gmail.com.

vez após a implementação da obrigatoriedade de informação racial em eleições gerais, ocorrida em 2014.

A discussão sobre a autodeclaração de raça ganhou relevância nesse contexto eleitoral, uma vez que, a partir dessas eleições, passou a vigorar a regra que obrigava os partidos a destinarem a verba de campanha proporcionalmente às candidaturas negras, ou seja, de pretos e pardos. A polêmica cresceu diante do fato de que mais de 80% da população da Bahia se considerava negra, conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somando pretos e pardos. ACM Neto contestou a definição de negro utilizada pelo instituto, defendendo sua autodeclaração como pardo, não negro.

As discussões sobre a autodeclaração racial afetaram a campanha de ACM Neto, uma vez que as pesquisas de intenção de voto indicaram uma queda em seu apoio após o ocorrido. Enquanto isso, seu principal adversário, Jerônimo Rodrigues, do PT, avançou nas pesquisas.

A controvérsia aumentou quando, em uma entrevista na TV Bahia, do dia 12 de setembro, ele apareceu exageradamente bronzeado e questionou os critérios do IBGE para classificação racial no Brasil. A vice Ana Coelho chegou a recuar e mudar sua declaração para branca, mas ACM Neto manteve a autodeclaração como pardo, justificando-se na entrevista: “Eu me considero pardo. Você pode me colocar ao lado de uma pessoa branca, há uma diferença bem grande. Negro, não. Não diria isso, jamais”. Quando questionado pelo jornalista a respeito de que no Brasil, pelos critérios do IBGE, são considerados negros tanto os pardos quanto os pretos, ACM rebateu: “Então é erro do IBGE, não é meu. Simplesmente isso”. Após a entrevista, as declarações de ACM Neto rapidamente se tornaram o centro das atenções na campanha eleitoral. O nome do ex-prefeito ficou entre os assuntos mais comentados no Twitter por três dias seguidos, refletindo a intensa discussão em torno do tema. As imagens da entrevista, especialmente aquelas que destacavam o tom acentuado de bronzeado, se tornaram alvo de inúmeros memes e vídeos satíricos, amplificando ainda mais a repercussão do episódio nas redes sociais.

A questão sobre a autodeclaração racial de ACM Neto foi amplamente abordada durante o debate entre os candidatos promovido pela TV Bahia, afiliada da Rede Globo em Salvador, em 28 de setembro daquele ano. Críticas contundentes foram direcionadas ao ex-prefeito, especialmente do candidato do PL, João Roma, ex-aliado de ACM, que o

chamou de “afroconveniente” e questionou se ele teria realizado bronzeamento artificial. Na ocasião, Roma disse: “não exija tanto de um candidato que não sabe a cor da pele. Nesses 30 anos, ele nunca me disse que era ‘negão’ (...) Ele é negro ou não é? Ele não sabe a cor da sua pele, pessoal. É deboche nacional (...) Nesse bronzeamento na laje, ele está usando óleo de peroba ou de urucum?” (ROMA apud NASCIMENTO, 2022, online).

Nesse mesmo debate, o candidato do PSOL, Kleber Rosa, um homem preto, foi enfático ao afirmar que ACM Neto deveria ter dignidade e recuar de sua posição. Ele argumentou que não é suficiente o candidato dizer que é assim que se vê, pois ele, enquanto negro, não possui a opção de declarar-se branco. Kleber Rosa também apontou que a autodeclaração como pardo coloca o candidato dentro das políticas voltadas para os negros, e ressaltou que ACM Neto estava enfrentando um processo por causa disso. Por sua vez, Jerônimo Rodrigues, que é indígena, criticou a autodeclaração como um “desrespeito” à população negra e aqueles que lutam por políticas de inclusão e representatividade racial, e destacou que a política da Bahia estava em vexame devido a essa questão.

Apesar das críticas e dos questionamentos, ACM Neto reafirmou sua autodeclaração como pardo e explicou, em vídeo nas redes sociais, que já havia feito essa declaração em 2016, muito antes da implementação das cotas para candidaturas negras. Ele enfatizou que, como prefeito de Salvador, havia implementado políticas de cotas em concursos públicos para beneficiar a população negra.

Com as declarações, cresceu vertiginosamente a repercussão negativa, especialmente nas redes sociais, onde memes e vídeos satíricos se espalharam. O episódio mobilizou o debate público e gerou acusações de fraude, com adversários explorando a questão racial como um ponto crítico da campanha. Após três dias da entrevista, a coligação do candidato petista passou a exibir uma peça de propaganda no horário eleitoral, na qual pessoas nas ruas criticam veementemente a postura de ACM Neto. No vídeo, o ex-prefeito é acusado de “apropriação racial”, de impedir a entrada de pessoas negras na política e de ser um “homem branco, cheio de privilégios”. O narrador do vídeo petista provoca os espectadores ao questionar se consideram essa atitude correta. Diante dessa ofensiva, a campanha do União Brasil tentou, por três vezes, acionar o Tribunal Regional Eleitoral baiano para retirar o vídeo do ar, mas todas as solicitações foram negadas.

De acordo com um levantamento digital realizado por adversários de ACM Neto e divulgado pelo Jornal O Globo, constatou-se que, no universo de menções à entrevista na TV Bahia, 93% dos comentários foram negativos, enquanto 5% foram considerados neutros e apenas 2% apresentaram um tom positivo. Os termos mais frequentemente associados ao ex-prefeito de Salvador foram “bronzamento facial”, “piada”, “pardo”, “oportunismo” e “IBGE” (ELLER; MOURA, 2022).

Figura 1 - *Tweet* compara o tom de pele do candidato ACM Neto antes e depois de suposto bronzamento artificial



Fonte: Revista Fórum, 2022.

Na primeira pesquisa de intenção de votos realizada pelo instituto Datafolha no dia 24 de agosto, ACM Neto destacava-se com uma liderança confortável na disputa, contabilizando impressionantes 54% dos votos, enquanto seu concorrente, Jerônimo, ficava bem atrás com apenas 16% (PITOMBO, 2022). Quando as eleições de primeiro turno chegaram, Jerônimo, com uma virada notável, conquistou 49,45% dos votos, revertendo a situação em seu favor. ACM Neto obteve 40,8% dos votos, demonstrando um desempenho mais fraco do que o previsto. Essa mudança de rumo persistiu até o segundo turno, onde Jerônimo conseguiu consolidar sua vitória com 52,79% dos votos, deixando ACM Neto com 47,21%, de acordo com dados do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA, 2022).

É importante salientar que a vitória de Jerônimo não pode ser atribuída unicamente à controvérsia racial. Embora essa temática tenha desempenhado um papel relevante, a disputa eleitoral também foi influenciada por fatores de ordem nacional.

Ainda assim, é notável como o debate público em torno da corrida pelo governo da Bahia em 2022 frequentemente evocou os eventos narrados anteriormente, especialmente através da plataforma de rede social Twitter.

No contexto dessa pesquisa, uma análise foi conduzida no período entre 25 de setembro e 3 de outubro de 2022, com foco nas publicações efetuadas na plataforma Twitter. Essas publicações totalizaram 3112 tweets e trataram das associações entre ACM Neto e temas raciais. A abordagem deste estudo concentra-se na análise do tratamento dado aos temas raciais no cenário político-eleitoral, com foco no debate público no Twitter. Especificamente, o estudo busca responder à seguinte pergunta: Como o debate público no Twitter explorou e mobilizou as questões relacionadas à identidade racial e à autodeclaração do candidato ACM Neto durante sua campanha para governador na Bahia?

O escopo deste artigo se concentra em examinar essas publicações com o objetivo de compreender como a questão da identidade racial foi abordada durante o período eleitoral e como ela influenciou o debate público na plataforma Twitter. A metodologia empregada envolve uma análise por meio de processamento de linguagem natural, utilizando uma abordagem agonística. Essa análise visa identificar os principais temas subjacentes à controvérsia gerada pela autodeclaração racial de ACM Neto, bem como compreender como a questão foi percebida e discutida nas redes sociais.

A relevância desse debate não pode ser subestimada, uma vez que as plataformas de redes sociais vêm desempenhando um papel cada vez mais central no cenário de discussões públicas, incluindo o âmbito eleitoral. Entre as oportunidades proporcionadas por essas novas plataformas está a capacidade de encurtar a distância entre agentes políticos e cidadãos, permitindo uma interação mais direta. Esse é especialmente o caso quando se trata de campanhas políticas personalizadas, o que pode beneficiar partidos menores, sem recursos para campanhas tradicionais de mídia em massa (VERGEER, 2015).

Um aspecto crucial para entender o cenário das campanhas políticas nas plataformas de redes sociais, como o Twitter, é a influência dos algoritmos específicos. Esses algoritmos desempenham um papel fundamental na seleção e apresentação de informações consideradas relevantes para cada usuário (GILLESPIE, 2012). Esse processo está vinculado a conceitos como o Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2018) e Plataformização da Sociedade (DIJCK; POELL; WAAL, 2018). Esses algoritmos, ao

analisar as preferências do usuário e sugerir conteúdos com base em elementos semânticos, podem modular ativamente a percepção dos usuários e direcionar seu comportamento (SILVEIRA, 2017).

Essa capacidade de selecionar informações relevantes também vem acompanhada da capacidade de “esconder” informações que não estejam alinhadas com os interesses programados. Essa filtragem de informações tem um impacto significativo na participação social e política dos usuários no ambiente digital, influenciando o que eles conhecem e como reagem a determinados assuntos.

REPRESENTAÇÃO E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

A necessidade de representação política surge devido à interconexão predominante na dinâmica da vida social moderna, onde as ações de indivíduos e instituições em um local específico estão frequentemente ligadas a processos ocorrendo em diversos outros pontos e organizações. Dado que é inviável que alguém esteja presente em todos os órgãos deliberativos que influenciam suas circunstâncias, dada sua dispersão e número considerável, surge a imperativa demanda por representação. Mesmo que as esperanças de um cidadão muitas vezes sejam frustradas, permanece a expectativa de que outros considerem cenários semelhantes ao seu e os apresentem nos respectivos espaços de discussão.

O conceito de *representação* no contexto político inicialmente se referia ao modelo tradicional baseado em identidades compartilhadas entre governantes e governados. Isso sugeria que ambos teriam interesses idênticos, inclusive envolvendo categorias como raça, idade, gênero, orientação sexual, religião, classe social, etnia, idioma, nacionalidade e habilidades (YOUNG, 2006). Contudo, tal perspectiva enfrenta desafios ao representar grupos minoritários, apontando para a necessidade de mecanismos que assegurem a representação de populações sub-representadas, especialmente aquelas sujeitas a desigualdades estruturais.

A diversidade de interesses econômicos, políticos e sociais entre classes e grupos fragmenta a representação, destacando a importância de grupos sociais reivindicarem visibilidade. No entanto, o problema da lógica identitária reside na suposição de que governantes e governados compartilham pensamentos uniformes. Críticos argumentam que mesmo dentro de grupos racializados e gendrados há diversidade de pensamentos, interesses e necessidades, tornando a representação unificada problemática.

Iris Marion Young (2006) critica a perspectiva identitária, propondo uma abordagem de representação baseada em marcas de diferença, mas não essencialista. Ela vê a representação política como uma interação complexa entre atores políticos ao longo do tempo e espaço, enfatizando a temporalidade e a espacialidade para compreender oportunidades e riscos políticos. Isso implica que representantes compreendam e articulem perspectivas de grupos, mesmo sem compartilhar características identitárias. No entanto, isso traz desafios, como representar as visões divergentes dentro de um grupo.

Silvio Luiz de Almeida (2019) defende a representatividade de minorias para combater a discriminação e ampliar vozes. Porém, destaca que a representação institucional não garante poder real. Estruturas políticas e econômicas podem limitar a ação efetiva de líderes minoritários, mesmo quando ocupam cargos. No Brasil, a participação negra no parlamento federal é baixa (nunca ultrapassando 9%). A Emenda Constitucional 111 (BRASIL, 2021) busca ampliar a representação, dobrando votos destinados a mulheres e negros na distribuição de recursos eleitorais. Essas medidas refletem a necessidade de incluir historicamente sub-representados, visando políticas públicas inclusivas e representativas da diversidade brasileira.

Esse debate sobre representação, atravessado pelo nosso objeto de pesquisa, nos leva ao debate sobre o lugar do pardo, ou do negro de pele clara, no Brasil. Justamente para nos perguntarmos: por que é problemática a afirmação de ACM Neto em que ele se declara como um homem pardo?

A construção da identidade negra no Brasil é complexa devido ao processo de miscigenação, que foi fortemente incentivado por políticas de branqueamento (MUNANGA, 2019). Essas políticas eram baseadas em teorias eugenistas que foram adaptadas à realidade nacional. O mito da democracia racial se tornou uma das principais armadilhas para as políticas afirmativas no processo de construção da identidade negra, já que foi o estereótipo consolidado no imaginário coletivo que transformou o que era uma imagem negativa em uma visão enaltecida. O discurso de exaltação à mestiçagem desconecta o pardo ou o negro de pele clara de sua identificação como negro.

No mesmo sentido, segundo Marcelo Paixão (2015), a ideologia da “democracia racial” foi utilizada para negar a existência do racismo no Brasil e para minimizar a importância das desigualdades raciais. Essa ideologia valorizava o histórico intercuro

da população brasileira, que, em termos culturais e biológicos, se constituiria enquanto um povo mestiço. Dessa forma, a “democracia racial” serviria para impedir que o processo modernizante, que potencialmente traria consigo o *ethos* individualista e competitivo, derivasse em formas conflitivas entre os grupos raciais. No entanto, essa visão não levava em conta as contradições e impasses que poderiam surgir no processo modernizador e acabou por justificar a exclusão dos afrodescendentes da vida nacional.

O perfil demográfico brasileiro, conforme relatado pelo IBGE, destaca que 56% da população é composta por pessoas negras, que englobam indivíduos classificados como pardos e pretos pela instituição. O IBGE estabelece uma ligação racial e política entre os grupos de pretos e pardos, em contraste com o que é considerado branco. Para Alessandra Devulsky (2021), essa distinção racial historicamente influencia em vantagens ou “estar submetido a prejuízos, inobstante a adesão ou o repúdio ao sistema hierárquico racial” (DEVULSKY, 2021).

Para a autora, o grupo geralmente chamado de negros no Brasil inclui pardos, que têm uma conexão com a mestiçagem racial. O pardo é associado a uma mistura de raças, embora não seja identificado como branco devido à ausência visível de ascendência europeia. A identificação racial dos pardos os aproxima do grupo dos negros, apesar de algumas vantagens que a mestiçagem pode trazer em certos contextos. O racismo – herança do mundo colonial e pós-colonial, que ainda influencia os padrões sociais – cria divisões internas na comunidade, resultando em desentendimentos sobre identificação racial devido às diferenças de tons de pele.

A CONTROVÉRSIA DE ACM NETO NO TWITTER

Fizemos o levantamento dos dados no período que corresponde a campanha para o primeiro turno da eleição de 2022, buscando o que Fabio Malini (2020) chama de palavras-multiverso, termos e expressões que abrigam uma vastidão de tópicos e posicionamentos, ao redor deste evento específico. Para tanto, por meio da API do Twitter, usando um *sprypt* em linguagem R e operadores booleanos, varremos a plataforma em busca de publicações que associavam ACM Neto a termos associados ao caso em análise, tais como “pardo”, “negro”, “branco”, “raça”, “IBGE” e suas variações. Esse *corpus* – equivalente a 3112 *tweets* – foi processado para uso no software Iramuteq e sumariado pelo método Reinert, que busca identificar e categorizar padrões, temas e estruturas em textos escritos. Nesse sentido, criamos quatro categorias

descritivas que agrupam modos em que usuários trataram a questão da autoidentificação racial do candidato ACM Neto nas eleições a governador no estado da Bahia. As categorias são: [1] “Mudança” de raça e aparência fenotípica; [2] Oportunismo racial, bronzamento e acusação de fraude eleitoral; [3] Disputa partidária entre União Brasil e PT; e [4] Reverberação da crítica de atores políticos. Abaixo apresentamos a descrição e análise deste *corpus* com a finalidade de dar visibilidade ao universo de posições tomadas naquele contexto.

1. “MUDANÇA” DE RAÇA E APARÊNCIA FENOTÍPICA

No cenário dos tweets examinados, a autodeclaração racial de ACM Neto como pardo desencadeou discussões e divergências significativas. Uma questão central nessas conversas é a suspeita em relação à veracidade dessa autodeclaração, devido à mudança em sua identificação racial em diferentes eleições. Muitos usuários questionam a legitimidade da autodeclaração de Neto como pardo, levantando interrogações sobre sua autenticidade à luz de sua aparência física e história familiar. Um exemplo é este *tweet* que diz: “Claro que ele está tentando tirar vantagem ao se declarar pardo. O desejo é que essas dinastias hereditárias desapareçam. Desde o pai que foi governador biônico e todas as gerações ACM, detesto isso. Por favor.” Outro usuário levanta dúvidas sobre a cor da pele das filhas de Neto, comentando: “ACM pardo, mas esqueceu de bronzear as filhas também”. Além disso, as discussões se estendem à autenticidade da autodeclaração e sua possível conexão com narrativas políticas específicas. Muitos insinuam que Neto busca se beneficiar politicamente usando essa autodeclaração para atrair eleitores que valorizam a diversidade racial. Tais pontos de vista frequentemente vêm acompanhados de sarcasmo ou ironia, destacando a discrepância entre a autodeclaração e a aparência de Neto. Após a queda nas pesquisas, diversos usuários ironizaram, sugerindo que Neto estava experimentando os desafios enfrentados pelos negros no Brasil, fazendo referência ao racismo. A análise também compara Neto a outras figuras públicas que enfrentaram polêmicas raciais similares naquele período, como Jade Picon, uma influenciadora branca, acusada de apropriação estética negra em uma campanha publicitária, estabelecendo paralelos entre os casos. As discussões também se voltam à representatividade racial, explorando o papel das autodeclarações em promover igualdade e diversidade em cargos públicos. A comparação com outros candidatos, especialmente em relação a mudanças em suas autodeclarações ao longo do

tempo, também é intensamente debatida, com muitos defendendo Neto. Um exemplo é: “*Eu sei que vão pegar pesado com ACM ao declarar que é pardo, mas vejamos a hipocrisia política: Rui [Costa, do PT] declarou-se pardo em 2018, Geraldo Junior [MDB, vice de Jerônimo] se declarou pardo em 2022, Alice Portugal [PCdoB] declarou-se branca em 2018 e agora se declara parda, Rosemberg Pinto [PT] se declarou branco em 2018 e preto em 2022*”. A mudança de postura de Neto e de outros candidatos em relação à sua identidade racial em diferentes eleições é frequentemente mencionada, gerando questionamentos sobre a autenticidade dessas declarações. Observa-se também que algumas discussões direcionam sua atenção para candidatos de esquerda, mencionando as mudanças na autodeclaração racial ao longo do tempo por parte de figuras políticas, em uma comparação com Neto. Nesse sentido, destaca-se a hipocrisia política, já que as mudanças nas declarações dos candidatos de diferentes espectros políticos são colocadas lado a lado.

2- OPORTUNISMO RACIAL, BRONZEAMENTO E ACUSAÇÃO DE FRAUDE ELEITORAL

Outros temas emergentes das discussões incluem críticas à autodeclaração de Neto, acusando-o de oportunismo e fraude eleitoral. Alguns rotulam essa atitude como “afroconveniência” ou “afro oportunismo”, argumentando que Neto está explorando questões raciais para obter vantagens políticas. Entre os *tweets* analisados, uma parcela significativa de usuários expressa dúvidas e ceticismo em relação à autodeclaração de Neto como pardo. Esses usuários acreditam que essa autodeclaração é uma tática oportunista, seja para obter ganhos políticos ou financeiros, seja para alinhar-se a uma narrativa específica. Muitas mensagens expressam a ideia de que a autodeclaração de Neto como pardo é uma estratégia para se beneficiar de políticas de cotas raciais, o que é considerado desonesto ou manipulador. Alguns usuários enfatizam a contradição entre a declaração de Neto e sua cor de pele, argumentando que ele é, de fato, branco, e, portanto, não se encaixa na categoria racial que ele declarou. Além disso, muitos *tweets* questionam a autenticidade da autodeclaração, sugerindo que Neto está tentando se passar por pardo para atender a agendas políticas ou ganhar apoio de eleitores que valorizam a diversidade racial. Há críticas relacionadas ao posicionamento político de Neto, com algumas pessoas expressando insatisfação em relação às suas ações e declarações, apontando inconsistências em relação aos posicionamentos de Neto e de

seu partido, anteriormente conhecido como DEM e PSL, agora, União Brasil, em relação a políticas afirmativas, enquanto tentam se beneficiar delas no momento da eleição. Entre os *tweets* analisados, surgem comentários emblemáticos que criticam o uso de bronzeamento artificial por Neto para justificar sua autodeclaração, rotulando essa ação como negativa e até mesmo patética, destacando a criação artificial de características fenotípicas para sustentar a autodeclaração. Por exemplo, um *tweet* diz: “*Eu não aguento ver o ACM Neto bronzeando-se para dizer que é pardo kkkkk ele é patético*”. A controvérsia é apontada como um fator que afeta a decisão de voto de alguns eleitores, com sugestões de que Neto está perdendo votos devido a essa questão.

3- DISPUTA PARTIDÁRIA ENTRE UNIÃO BRASIL E PT

A análise dos *tweets* revela como a disputa nacional entre Lula e Bolsonaro, bem como a polarização política, reverberaram na esfera estadual. A decisão de ACM Neto de se manter neutro após sua antiga identificação com o bolsonarismo teve um impacto significativo. Candidatos rivais aproveitaram a oportunidade para criticá-lo por sua autodeclaração racial, associando-a a outras questões de sua campanha, especialmente suas posições ligadas à direita neoliberal. Essa autodeclaração também afetou as perspectivas eleitorais de Neto. Ela aumentou as chances do candidato Jerônimo, do PT, conforme percebido pelos usuários, uma vez que ao introduzir a dimensão racial no debate, o candidato petista adquiriu atributos positivos, já que ele é um homem indígena em um partido que apoia e implementa políticas afirmativas raciais. A controvérsia também gerou críticas diretas à candidatura de Neto. Os usuários mencionaram sua postura em debates, suas ações enquanto prefeito e a estratégia de autodeclaração racial como formas de angariar votos.

4- REVERBERAÇÃO DOS CRÍTICOS

Esse conjunto de *tweets* analisados gira em torno das reações dos usuários às críticas contundentes de figuras políticas à autodeclaração racial de ACM Neto. Os principais temas emergentes dessas reações incluem as intervenções do candidato Kleber Rosa, do PSOL, durante os debates. Muitos usuários elogiam sua abordagem crítica em relação à autodeclaração de Neto, considerando-a como uma forma de apropriação cultural. Kleber Rosa é percebido como alguém que confronta a declaração de Neto de maneira incisiva e esclarecedora. Um exemplo de comentário é: “*Kleber*

Rosa foi para cima de ACM Neto, afirmando que ele usufrui do privilégio de poder se declarar pardo ou branco conforme lhe convém”. Com relação às menções a João Roma, surgem avaliações sobre seu desempenho nos debates, sua orientação política e sua associação com Jair Bolsonaro. Algumas opiniões sugerem que ele não estava disposto a discutir questões raciais de forma eficaz, enquanto outras destacam sua conexão com o ex-presidente Bolsonaro. Houve menções à jornalista Cynara Menezes, conhecida como Socialista Morena, que indicam que suas opiniões influenciaram o debate, moldando as discussões e as reações dos usuários. Isso se deve, em parte, a um artigo publicado na Revista Fórum³, que explora a controvérsia e ressalta as diferenças entre candidatos políticos com origens e aparências distintas, abordando a complexidade da representação racial na política e as trocas de acusações entre candidatos durante os debates eleitorais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entendermos a controvérsia racial envolvendo um dos principais candidatos ao governo do Estado da Bahia, ACM Neto (União Brasil), originada a partir da sua autodeclaração como pardo na Justiça Eleitoral, seguida por uma entrevista em uma emissora de TV local em que apareceu com a aparência bronzeada, questionando os critérios para a classificação racial no país, deve levar prioritariamente em conta o que está sendo considerado “pardo” no contexto brasileiro, relacionando-a à emergência de um discurso que aborda o embranquecimento da população como um projeto político de cunho racista, enraizado em fenômenos históricos e na estrutura racial do país.

Este discurso encontra respaldo tanto em órgãos oficiais do governo, como o IBGE, quanto no movimento social das pessoas negras. É relevante notar que Neto já havia se autodeclarado como pardo em 2016, sem gerar controvérsias naquela época. Isso sugere uma evolução da discussão racial e uma sensibilidade crescente em relação ao discurso colonialista e racista nas campanhas eleitorais, especialmente considerando o contexto do estado da Bahia. Este estado abriga a maior proporção de negros no país, com cerca de 80% dos habitantes da capital, Salvador, se autodeclarando como negros.

³ MENEZES, Cynara. O caso ACM Neto pardo: na Bahia, político nenhum quer ser “menino amarelo”. *Revista Fórum*, 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/socialista-morena/2022/9/27/caso-acm-neto-pardo-na-bahia-politico-nenhum-quer-ser-menino-amarelo-123970.html>.

Os resultados da análise indicam que a controvérsia gerou um debate intenso no Twitter, com vários usuários questionando a autodeclaração de ACM Neto e a representatividade de sua candidatura para a população negra da Bahia. Muitos *tweets* criticaram a atitude de ACM Neto de se autodeclarar como pardo durante as eleições, apontando suas consequências políticas. Muitos usuários consideraram sua atitude oportunista criticando-o por usar o termo como uma maneira de se beneficiar de políticas de ação afirmativa, enquanto outros indicaram que ele estava usando isso como uma estratégia política ao apropriar-se da pauta racial. Algumas pessoas fizeram piadas sobre sua autodeclaração, especialmente sobre o fato de ter feito bronzeamento artificial para confirmar sua autodeclaração, enquanto outras a viram como uma questão séria e o acusaram de ser hipócrita. Alguns *tweets* também mencionaram sua riqueza e opiniões políticas, com algumas pessoas criticando suas políticas de direita. Alguns sugeriram que essa atitude teria custado votos a ele, enquanto outros apontaram que ele teria ganhado apoio de figuras importantes. Houve também comentários sobre a relação entre a declaração de ACM Neto e a oposição que ele e seu partido fizeram anteriormente às cotas raciais em universidades e a polaridade política Lula-Bolsonaro na disputa presidencial.

Para concluir, a análise das publicações revelou um intenso debate público e questionamentos sobre sua sinceridade, posicionamentos políticos e oportunismo em relação ao tema racial. Essas discussões reforçam o protagonismo que a dimensão racial dos candidatos e o uso discursivo das políticas inclusivas e representativas tem ocupado no debate político eleitoral nos últimos pleitos.

Como bem nos diz Devulsky (2021), o racismo afeta negros de pele clara, identificados como pardos, ao criar barreiras ideológicas que dificultam a valorização de suas origens e identidade. Superar essas questões requer uma mudança fundamental nas percepções culturais e sociais. Embora medidas como a criminalização do racismo e políticas de cotas raciais sejam importantes, elas não são suficientes para erradicar o racismo. Essa forma de opressão está interseccionada com outras, como o machismo e o classismo, e visam a manter a ordem racial existente. A luta pela justiça social não pode hierarquizar opressões; mas precisa reconhecer que as opressões são interconectadas e devem ser abordadas simultaneamente para alcançar uma mudança verdadeiramente emancipatória.

No contexto em análise, é imperativo denunciar e questionar qualquer uso oportunista que vise esvaziar o significado histórico e político dos discursos raciais elaborados com esforço, visando à implementação de políticas afirmativas destinadas a pessoas negras de pele clara. Afortunadamente, essa denúncia e questionamento foram efetivamente realizados no caso analisado, fortalecendo assim a integridade desses esforços construtivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. **Emenda Constitucional nº 111, de 28 de setembro de 2021**. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc111.htm. Acesso em: 15 maio. 2023.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. *E-book*.

DIJCK, José van; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxônia: Oxford University Press, 2018.

ELLER, Johannes; MOURA, Rafael Moraes. **Polêmica racial envolvendo ACM Neto causa reviravolta na eleição da Bahia; veja vídeos**. *O Globo*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/malu-gaspar/post/2022/09/polemica-racial-envolvendo-acm-neto-causa-reviravolta-na-eleicao-da-bahia-veja-videos.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2023.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithm. *In*: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P.; FOOT, K. (org.). **Media Technologies**. Massachusetts: MIT Press, 2012. Disponível em: <http://www.tarletongillespie.org/essays/Gillespie - The Relevance of Algorithms.pdf>

MALINI, Fabio. **A palavra e as “coisas”**: como montar a sua lista de termos para coleta de dados em redes sociais. *Medium*, 2020. Disponível em: <https://fabiomalini.medium.com/a-palavra-e-as-coisas-como-montar-a-sua-lista-de-termos-para-coleta-de-dados-em-redes-sociais-39ed3648ea4>. Acesso em: 2 ago. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. rev ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Houldine. **ACM Neto é alvo em debate na Bahia por autodeclaração como pardo**. *Poder 360*, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/acm-neto-e-alvo-em-debate-na-bahia-por-autodeclaracao-como-pardo/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

PAIXÃO, Marcelo. Das relações raciais no Brasil: Entre a emergência de um novo tempo e a persistência do modelo autoritário. **Lasa Forum**, v. 46, p. 13–18, 2015. Disponível em: <https://forum.lasaweb.org/files/vol46-issue2/Debates5.pdf>

PITOMBO, João Pedro. Datafolha: ACM Neto lidera na Bahia com 54%, e Jerônimo, do PT, tem 16%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/datafolha-acm-neto-lidera-na-bahia-com-54-e-jeronimo-do-pt-tem-16.shtml>

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Tudo sobre tod@s**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

TRE-BA. **Jerônimo Rodrigues é eleito governador da Bahia**. 2022. Disponível em: <https://www.tre-ba.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/jeronimo-rodrigues-e-eleito-governador-da-bahia>. Acesso em: 2 ago. 2023.

VERGEER, Maurice. Twitter and Political Campaigning. **Sociology Compass**, v. 9, n. 9, p. 745–760, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/SOC4.12294>. Acesso em: 5 jun. 2023.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. **Lua Nova: revista de cultura e política**, n. 67, p. 139–190, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.). **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17–68.